

Parque reduz à metade o Setor Noroeste

O Parque Ecológico Norte, cuja proposta de criação foi aprovada extra pauta na última reunião do Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente (Cauma) ocupará no mínimo a metade da área destinada ao futuro Setor Residencial Noroeste. Alguns técnicos do GDF afirmam que seus 360 hectares correspondem a 70% do espaço total da área que, no projeto Brasília Revisitada, de Lúcio Costa, corresponde à mancha "B". Num ou noutro caso, o certo é que a criação do parque, nestas dimensões, significará um menor número de projeções residenciais.

O vice-governador e secretário de Viação e Obras, Wanderley Vallim, avalia que o novo setor talvez até possa ter o mesmo número de projeções do Setor Sudoeste, mas admite ser mais provável uma redução no total de projeções. Já os técnicos da própria SVO, que tomaram conhecimento do assunto através dos jornais, avaliam que o parque "inviabiliza" o novo setor residencial. Eles questionam a sua necessidade, lembrando que um pouco mais ao norte o novo setor já se delimita com o Parque Nacional de Brasília, e criticam o GDF por ter adotado uma política habitacional que "esqueceu" a classe média.

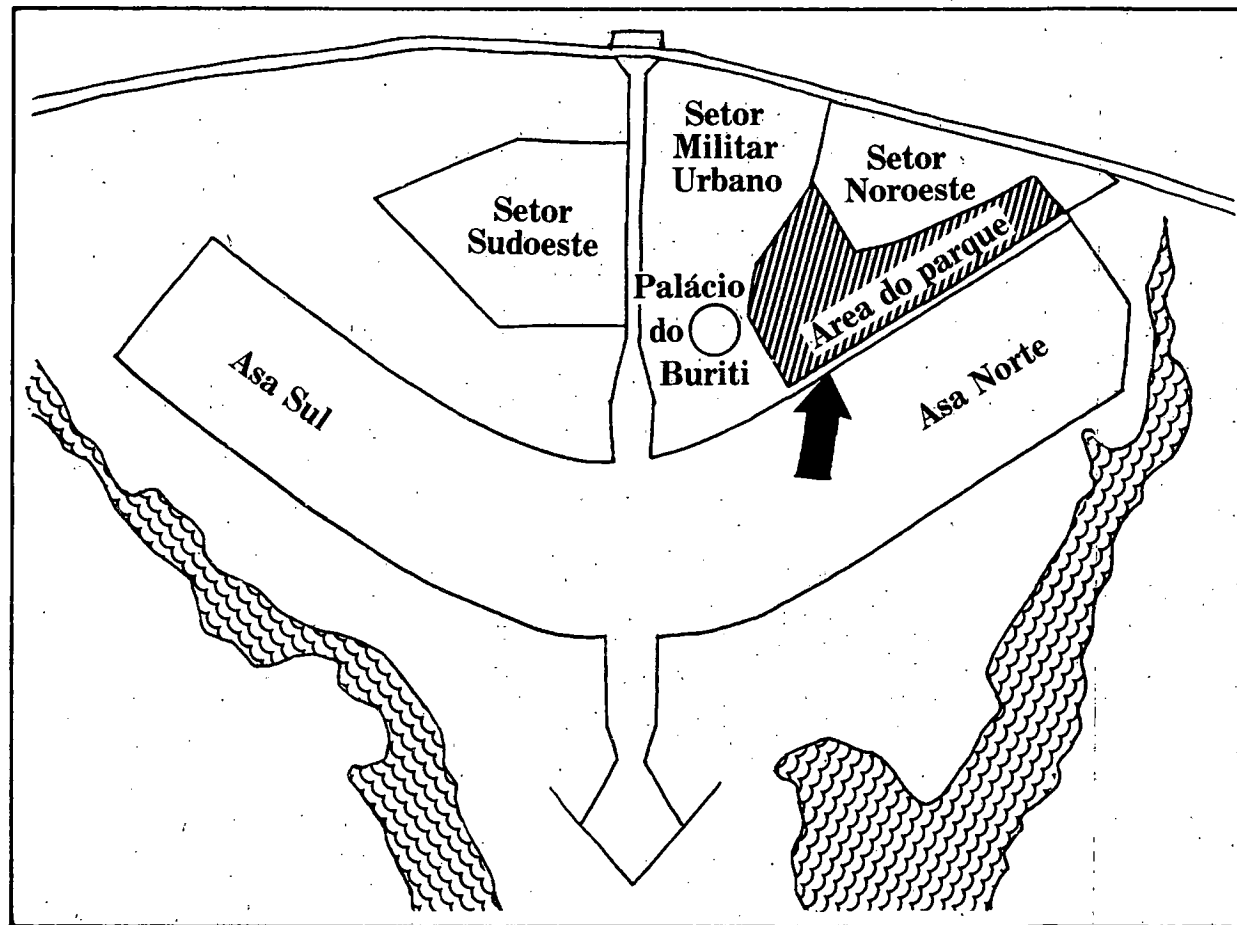
A grande preocupação da Secretaria do Meio Ambiente ao propor a criação do parque, diz Rubem Fonseca, foi impedir a expansão da

"malha urbana", que acabaria por emendar o longo trecho construído da Asa Norte ao Setor Noroeste. O urbanista Lúcio Costa, embora sem ter conhecimento do percentual da área ocupada, lembrou que o parque estava previsto não só no plano original de Brasília como no seu projeto Brasília Revisitada. Inconveniente, não vê nenhum.

Unidade

Wanderley Vallim acredita que a medida deixará satisfeitos os próprios empresários, hoje com uma "boa consciência ecológica". Além disso, lembra, muito em breve terão, além das 90 projeções do Setor Sudoeste, cerca de 120 projeções na Asa Norte, das quais 40 que estão sendo devolvidas ao GDF pela União e em torno de 80, da UnB. A perspectiva de que as projeções da UnB venham a ser colocadas à venda serão maiores com a mudança de reitor, avalia.

Já no próximo mês, conforme prevê, deverão ter início os trabalhos de limpeza e fechamento da área com cerca de arame. O parque servirá ainda, segundo Rubem Fonseca, para a manutenção da umidade do ar através da preservação da vegetação. Terá observatório de pássaros, museu natural do cerrado, parque botânico, viveiro de árvores nativas e uma ala dos Estados, onde serão reproduzidos os ecossistemas das 26 unidades da federação.



O parque (em destaque) vai ocupar uma grande área que era destinada ao Setor Noroeste

Sigilo foi estratégica

“A intenção era acabar com a mancha B, transformando toda a área num grande parque”, confessa Rubem Fonseca, sem explicar bem por que motivo acabou propondo a criação de um parque de “apenas 360 hectares. De todo modo, admite, precisou usar de uma estratégia: usar de sigilo nas discussões prévias em torno do parque e submeter o assunto à apreciação do Cauma à queima-roupa.

“Fui aplaudido pelos conselheiros”, orgulha-se. Mas para chegar lá precisou driblar “uma briga interna do governo”. Se fosse fazer a coisa da forma usual, cada secretário ia querendo opinar ou mesmo sugerir projetos que inviabilizariam o parque. E o caso, garante, deu quem está protestando. São os técnicos que tinham planos para a área e que, de uma forma ou outra, representavam um “indesejável adensamento urbano”.

Na ocupação proposta, o parque elimina a metade da área que seria ocupada por um cemitério e a boa parte do camping. Na avaliação de Rubem Fonseca, não se perdeu nada, porque o camping está subaproveitado e os cemitérios, hoje, são considerados prejudiciais ao meio ambiente.